
Michael Oustinoff. *Tradução: História, teorias e métodos*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, 144 p.

Partindo de um ponto comum e notório, cada vez mais a tradução surge como tarefa necessária no mundo atual. Tal afirmação cabe, também, à própria Teoria da Tradução. No Brasil, obras fundamentais para a leitura de quem quer conhecer mais sobre o universo tradutório têm sido traduzidas do inglês, alemão, francês e outras línguas. A ta-

refa de traduzir obras sobre a teoria da tradução torna-se particularmente complexa, pois é impossível falar sobre tradução e não citar várias línguas, exemplificar utilizando tantas outras e comentar sobre aspectos culturais, estruturais, históricos etc., que talvez não façam parte do novo contexto no qual a tradução da obra será inserida. Por essas razões, ao ler traduções em geral, sinto grande satisfação em consultar as notas, ler os agradecimentos e prefácios e buscar entender melhor como o trabalho foi sendo realizado – as particularidades, complexidades e também as dificuldades superadas pelos tradutores.

O livro objeto desta resenha foi traduzido por Marcos Marcionilo e publicado no Brasil no ano de 2011, pela Parábola Editorial. A obra original francesa tem como título *La Traduction*, da *Presses Universitaires de France*. Michaël Oustinoff é teórico da tradução nascido em Paris e criado em Lisboa, tendo o português como sua língua materna. Apesar disso, sua obra é escrita em francês. O autor retornou à França com o intuito de desenvolver seus estudos e, em fase escolar, aprendeu várias línguas, estudando outras por conta própria, com destaque para o russo. Atualmente, Oustinoff leciona na Universidade de Sorbonne Nouvelle – Paris 3, é membro do EA 3980 LITRA (Linguística, língua, tradução), do Centro de Pesquisa TRACT (Tradução e comunicação transcultural inglês-francês/francês-inglês), do Conselho Editorial da Revista *Palimpsestes* (*Presses de La Sorbonne Nouvelle*) e do Conselho Editorial da Revista *Hermès* (*CNRS Editions*). Aparentemente, *Tradução: História, teorias e*

métodos é a única obra do autor traduzida para o português brasileiro até agora. Esse é um livro que busca apresentar, de forma didática e de leitura simples, sem ser simplória, uma ideia geral sobre a tradução, seus aspectos histórico, teórico e as operações linguísticas e literárias que envolvem a tarefa de traduzir. O autor inicia apresentando as primeiras discussões sobre tradução, feitas por Jerônimo, Cícero e Lutero, por exemplo, até questões atuais, sobre a tradução automática, multilinguismo e diversidade cultural. A parte introdutória do livro destaca a ampliação e diversificação da tradução, que assume novas formas, e esses novos formatos da tradução são apresentados em detalhe nos capítulos subsequentes.

O livro possui 06 capítulos, sendo o capítulo inicial direcionado à diversidade das línguas, que faz com que a tradução seja cada vez mais necessária, em contexto mono ou plurilinguístico. Assim, Oustinoff começa a trabalhar a tradução intralingual sugerida por Jakobson, autor constantemente

citado no decorrer da obra. Ainda no primeiro capítulo, o autor traz à tona o mito da Torre de Babel, além de tratar da tradução dos “textos bíblicos – objeto do maior empreendimento de tradução na história da humanidade – traduzidos em 2.233 línguas”. A partir dos textos bíblicos, o autor destaca os pontos presentes em qualquer modalidade de tradução: i) a tradução como função comunicativa; ii) a maior dificuldade para se traduzir línguas de origens distintas; e iii) a diversidade de versões para um mesmo texto, provando a intraduzibilidade radical de uma língua por outra. Esses comentários iniciais marcam o tom da discussão sobre a diversidade da tradução, trazendo à tona Jakobson e seu texto *Aspectos linguísticos da tradução* e Saussure, com *Curso de Linguística Geral*, ambos lidando com questões linguísticas de valor fundamental para a tradução, que passa a ser vista como uma “propriedade fundamental da linguagem”, e a linguagem, por sua vez, possuindo uma dimensão diferencial. A relação que o

autor apresenta entre teorias e teóricos busca esclarecer o papel, influência e importância de diferentes correntes – linguísticas e/ou literárias – para a Teoria da Tradução.

O segundo capítulo aborda questões históricas da tradução, apresentando as línguas que, em diferentes momentos históricos, influenciaram a forma de traduzir – seguindo ideias sobre fidelidade, literalidade e liberdade. O conceito de ‘apropriação’, surgido no Renascimento, é descrito para explicar a ideia sobre traduções como “Belas Infieis”, revelando a importância dada à estética e ao gosto clássico entre os séculos XVII e XVIII. No período romântico, o autor apresenta a tradução com o mesmo papel que ela já havia desempenhado em Roma no Renascimento. Nesse momento, Goethe é citado para distinguir três tipos de tradução: i) fiel e literal; ii) substituta do original; e iii) a tradução não mais “no lugar do original, mas em seu lugar próprio”. Para concluir o marco histórico, Ous-tinoff chega à atualidade, mos-

trando que há um desequilíbrio flagrante entre traduções publicadas nos Estados Unidos ou na Grã-Bretanha (2 a 4%), comparados à França (8 a 12%), Alemanha (em torno de 14%), Itália (25%) e Brasil (39%), sendo o inglês, desde a Segunda Guerra Mundial, a língua mais traduzida no mundo. Segundo o autor, a norma de legibilidade e elegância de tradução mais comum na atualidade obedece a um modelo anglo-saxônico, que passa ao leitor a ideia de que o texto foi escrito diretamente na língua-alvo, mostrando uma ‘transparência’ que reforça a ideia etnocêntrica e de uniformidade em detrimento de outras culturas. Ao ler o livro, tive a impressão de que, na realidade, essa foi a intenção do tradutor – passar a ideia ao leitor de que o texto foi escrito em português. Quase não há ‘marcas’ do tradutor, não havendo prefácio, agradecimentos, e as notas existentes são comentários bibliográficos, sem comentários diretos do tradutor. Senti falta de uma maior ‘presença’ do tradutor na tradução.

O terceiro capítulo apresenta as teorias de tradução de forma temática, mostrando como ora essas teorias trabalham a ideia de tradução ‘pró-fonte’, ou seja, valorizando o texto original, e ora ‘pró-alvo’, favorecendo o texto e o leitor de chegada e, ao mesmo tempo, evidenciando que a discussão sobre a orientação da tradução é irrelevante, havendo outras questões de maior importância a serem levadas em consideração. O autor enfatiza a noção de movimento, pois a tradução é uma operação de natureza dinâmica. Oustinoff segue apresentando as teorias de tradução segundo Schleimacher, que reforça a dinamicidade da tradução, Nida, apresentando duas formas de equivalência tradutória – ‘pró-fonte’ e ‘pró-alvo’ –, a importância do desenvolvimento da Linguística, no século XX, como poderoso instrumento de análise, e, em contrapartida, Steiner apresentando a tradução, particularmente de textos literários, “que não deve ser reduzida à dimensão linguística”. Outros teóricos são destacados para apresentar a

ideia de tradução relacionada à ‘defectividade’, como Berman, por exemplo, que utiliza o argumento de que “a tradução não é o original”. Assim, Oustinoff chega à ideia da tradução como ‘recriação’, trabalhada por Octavio Paz e Efim Etkind, justificada pelo fato de que “a tradução recria o conjunto, conservando a estrutura do original”, ou seja, a tradução como ‘transposição poética’ discutida por Benjamin e sustentada por Jakobson, quando afirma que “só é possível a transposição criadora”. Oustinoff cita os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, a partir dos anos de 1980, com interesse pelos Estudos da Tradução, destacando-a como uma disciplina acadêmica, chegando à discussão sobre a presença do tradutor determinada por três fatores: i) a posição tradutória (maneira de desenvolver a atividade de tradução); ii) o projeto de tradução (como o tradutor traduz); e iii) o horizonte do tradutor (“conjunto de parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que determinam o sentir, o agir e o pen-

sar de um tradutor”). Seguindo esses fatores, o autor afirma que a maneira de traduzir vai variar e se mesclar, pois o horizonte de tradução não é uniforme. Esse ponto é relevante, pois marca a necessidade de não nos mantermos críticos frente às várias teorias literárias ou linguísticas relacionadas à tradução. Convém conhecer as teorias e buscar extrair delas o que se adequa a determinado trabalho, pensando em seu contexto e situação. Ou seja, as teorias e os métodos passam a coexistir e a compartilhar pontos em favor de uma prática tradutória considerada mais eficaz.

O quarto capítulo envolve as operações de tradução, distinguindo as ‘operações linguísticas’ das ‘operações literárias’. O capítulo é iniciado com a descrição do que Deslile chama de ‘textos pragmáticos’, i.e., textos científicos, técnicos, econômicos, jornalísticos, documentos oficiais, folhetos, painéis de sinalização etc. Em seguida, Oustinoff marca a distinção de tradução de textos literários e pragmáticos afirmando que “não

se deve mascarar a visão de conjunto”, ou seja, as operações tradutórias são as mesmas para os dois tipos textuais destacados por Deslile, diferindo a função: o texto literário tem intenção estética e o pragmático, intenção informativa. Nesse ponto, o autor reforça a ideia de que não é preciso que a língua-fonte e a língua-alvo sejam distintas. O processo tradutório ocorre mentalmente, a todo instante, não sendo possível negligenciar a tradução intralingual. Assim, segundo o autor, a teoria da tradução deve conduzir a uma teoria do traduzir, gerando a prática da tradução. Com relação principalmente à tradução literária, o autor reforça que “todo signo é a soma de um significante e um significado”, ou seja, de um lado a forma, do outro, o sentido. Ao traduzirmos, precisamos nos concentrar na língua em ato (fala) e não na entidade abstrata (língua), pois é a fala que traduzimos, prestando atenção ao jogo dos significantes.

O quinto capítulo nos leva ao campo da interpretação e da tradução automática, mostrando

que a tradução oral está submetida à lógica do significado da cadeia oral, que “desaparecem no compasso da nossa memória”, restando o sentido. Aqui, mais uma vez, o autor se volta à tradução literária, marcando sua singularidade, ficando, portanto, fora do domínio da tradução simultânea, por requerer “tempo e trabalho específico no nível dos significantes”, incompatível com a urgência da modalidade de tradução simultânea. Oustinoff apresenta três etapas da interpretação: i) rejeição do termo a termo; ii) restituição do sentido; e iii) a forma que a restituição deve tomar. Percebe-se, aqui, o processo de desverbalização, no intuito de ‘livrar-se’ dos significantes e trabalhar com os sentidos para que seja possível proceder à interpretação. Assim, a tradução torna-se uma operação cognitiva, dando prioridade à tradução intralingual de Jakobson, pois “é preciso ter toda experiência na prática de sua própria língua”, conhecendo todos os seus registros. Ao comentar a tradução automática (TA), no entanto, o

autor é extremamente sucinto, direcionando o seu uso para facilitar a explicação da prática tradutória pelo professor, e para o aluno compreender melhor a passagem de uma língua para outra. O autor acrescenta ainda que a TA “permanece abaixo das operações de tradução”, pois não conseguem de fato reenunciar, por mais sofisticadas que sejam. Senti falta de uma maior exposição do que envolve a TA, em que aspectos ela já evoluiu ou no que ela ainda pode ser melhorada. Não acredito que a função da TA seja apenas apresentar ao aluno a análise de passagens de uma língua para outra, pois isso pode ser feito com praticamente qualquer texto traduzido, seja pelo tradutor humano ou pela máquina.

O sexto capítulo traz o campo da tradução intersemiótica. Segundo Oustinoff, essa é a categoria de tradução talvez mais criticada, pois trabalha com transformações derivadas de transposições “nas quais a parte de ‘imitação’ é tão grande que não se pode mais falar facilmente de tradução no sentido em que ge-

ralmente se entende este termo”. As próprias palavras escritas, por exemplo, são significantes visuais que podem ser traduzidas na fala por significantes auditivos, ou em gestos na linguagem de sinais, ou em significantes táteis do alfabeto braile, e assim por diante. Essa atividade de tradução é tão natural e espontânea, que passa a ser ignorada no cotidiano. No campo da tradução intersemiótica, Oustinoff sugere, ainda, que tal categoria de tradução seja estudada em uma disciplina da semiótica peirceana dos signos. A ideia parece válida, pois ajudaria a apresentar a tradução como ela surge no cotidiano.

Para concluir, a ideia de tradução como operação fundamental da linguagem, abordada no início o livro, é retomada, enfatizando a ideia da função primordial da tradução como mediadora da diversidade, servindo, ao mesmo tempo “contra e pró Babel”. O livro, de maneira geral, é uma leitura enriquecedora tanto para leitores iniciantes como para os especialistas da área. Senti apenas a falta de comentários sobre

a tradução em si, como acontece em outras obras traduzidas como *Des tours de Babel*, de Jacques Derrida, livro traduzido que apresenta notas da tradutora no início da tradução, e a tradução de *La traduction et la lettre ou*

l'auberge du lointain, de Antoine Berman, com notas dos tradutores também no início da obra traduzida.

Sinara de Oliveira Branco
UFCG
